

SÁNCHEZ CASTRO, L. C. *Traditio animae: la recepción aristotélica de las teorías presocráticas del alma*. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2016. 345p.

A obra apresentada por Sánchez Castro, resultante de sua tese de doutorado defendida em 2014, é relevante sob três aspectos. Em primeiro lugar, por seu objeto: trata-se de investigação acerca de um texto que não recebera até pouco tempo particular atenção dos intérpretes, o Livro I do *De anima* aristotélico. Muitas vezes considerado de importância menor, foi lido como mero recolhimento de opiniões e constituindo não mais do que um estudo preparatório para as questões do campo da psicologia aristotélica. Ali encontra-se, no entanto, uma certa quantidade de notícias sobre a teoria atomista de Demócrito, sobre os Pitagóricos, Anaxágoras de Clazomena, Empédocles, Crítias, Tales de Mileto, Alcmeón de Crotona, Diógenes de Apolônia, Heráclito de Éfeso, Hipônio e, finalmente, sobre uma doutrina anônima da alma como número automotor (que alguns atribuem a Xenócrates, mas que pode ter sido compartilhada por outros, como Espeusipo). Sua discussão interessa, assim, para além da interpretação da obra aristotélica, aos estudos dos primeiros filósofos. Mas é sob um terceiro aspecto que se destacam suas contribuições: como pontua a autora, o recolhimento de opiniões reputadas (*endoxa*), em que consiste o tratamento preliminar do primeiro livro do *DA*, está longe de ser um mero repertório de posições dos autores que antecederam Aristóteles,

com respeito aos quais o filósofo manifestaria sua concordância ou – mais frequentemente – discordância. Como se procura demonstrar ao longo de todo o trabalho, tais apropriações integram na verdade um procedimento dialético, exegético, por meio do qual se procura estabelecer os primeiros princípios de uma ciência (cf. *Tópicos*, 101a25-b4). Um dos principais méritos de Sánchez Castro está na análise fecunda das descrições metodológicas que fornece o próprio Aristóteles, articulada com a exibição, em filigrana, de como operam seus procedimentos argumentativos ao recolher as fontes presocráticas.

A publicação é dividida em duas partes. A primeira delas, composta de dois capítulos, começa por elaborar as questões de fixação do texto do *DA* e da inserção do livro I em sua estrutura, e procura justificar o conceito de “tradição interpretativa” que orienta a investigação. Como procura defender a autora, em torno ao *DA* constrói-se uma tradição que, atestando sua unidade, mais do que simplesmente veicular os conteúdos materiais das doutrinas presocráticas, consiste na apropriação de um método: o uso da dialética nas obras científicas de Aristóteles, replicado nos comentários de seus sucessores.

O segundo capítulo dedica-se às precisões metodológicas que se extraem do próprio tratado, em sintonia com descrições dos procedimentos cientí-

ficos e dialéticos encontrados alhures no *corpus aristotelicum*. A autora precisa que, em Aristóteles, trata-se mais propriamente de “endodoxografia”, e não de doxografia: não há o propósito de recompilar as opiniões antigas ou de expô-las em sua totalidade, mas de “*servirse de los desarrollos de sus predecesores con el fin de sentar los principios de su investigación, de proporcionarle un punto de partida al trabajo científico*” (p. 88). Os *endoxa* são opiniões reputadas, comumente aceitas ou validadas pela autoridade ou experiência; sua posição enquanto teses que servem de pontos de partida para a elaboração científica, no entanto, resulta de um processo de “depuração de conteúdos” – o qual é identificado à técnica dialética – que procura tanto tornar explícito o argumento subjacente a essas opiniões quanto “filtrá-las”, distinguindo o verdadeiro do falso através do exame de suas consequências. No caso da investigação da alma, postulada como princípio de qualquer ser que “vive”, Aristóteles apresenta a necessidade de um método particular: dada a dificuldade de definir seu objeto, é preciso partir das propriedades accidentais da alma para buscar a sua essência. Parte-se então do que é mais conhecido para nós, através do recurso à autoridade dos *endoxa*, legitimando o ponto de partida nas propriedades que “parecem ser” responsabilidade da alma. O emprego da dialética articula-se assim com a obtenção das propriedades da alma, segundo um procedimento que combina a resolução das dificuldades com o recolhimento das antigas teorias. Por essa razão, o que se encontra não é um tratamento puramente descritivo, destacando-se a intenção classificatória

e as frequentes “tomadas em bloco” de opiniões, segundo duas categorias principais: a das teorias “*kinetistas*” (que estabelecem a alma como princípio de movimento) e “*sensualistas*” (que a tomam por princípio de conhecimento ou percepção), por vezes associadas a uma posição “*sutilista*” (em que a alma é materialmente identificada ao elemento mais sutil).

A partir dos esclarecimentos obtidos nos primeiros capítulos, a autora se ocupa em pormenorizar, na segunda parte de sua obra, os procedimentos argumentativos de Aristóteles ao apropriar-se das doutrinas dos antecessores. Os argumentos são reconstruídos de maneira a evidenciar o esforço exegético de Aristóteles, explicitando a estrutura lógica de seus raciocínios. A estratégia complementa-se pela lida com a tradição interpretativa constituída a partir do *De anima*, apontando a continuidade, nos comentários de sucessores, do proceder hermêutico-dialético. O capítulo 3 mostra o papel especial do atomismo democritiano na “concepção cinética da alma”. Procurando ir além da visão de Cherniss, que via no recolhimento aristotélico sobre a “proto-psicologia” presocrática intenções primariamente destrutivas, a autora explicita o processo hermenêutico de Aristóteles, que privilegia o modelo etiológico dos atomistas em sua compreensão da explicação dos fenômenos psíquicos pelos autores mais antigos. Por ser considerado o autor que mais claramente se expressou, Demócrito encabeça o raciocínio que permite vincular as concepções arcaicas da alma como princípio material, móvel e motor, e sua associação ao intelecto, servindo de comparação para revisão de outros pensadores. É assim que, como

mostra a autora, partindo de Demócrito Aristóteles procura interpretar a teoria do *voûç* em Anaxágoras (através da identificação de sensação e intelecto), ou, no tratamento da teoria pitagórica da alma automotora, estabelece uma “ponte analógica” com a teoria atomista corpuscular.

O capítulo 4 ocupa-se mais detidamente da doutrina de Anaxágoras, que interessa a Aristóteles como posição do intelecto enquanto princípio motor e princípio do conhecimento. Observam-se as tortuosidades na leitura do estagirita, pois Anaxágoras é esquivo às classificações do *DA* (não é claro, por exemplo, se o seu princípio de conhecimento se encaixa no esquema aristotélico da semelhança ou dessemelhança material com seu objeto). Aristóteles procura mostrar as dificuldades com a teoria do intelecto impassível e sem mescla: qual o seu estatuto ontológico? Como conciliar a afirmação de sua separação com a de sua presença em algumas coisas? De outro lado, colocam-se problemas para a explicação funcional: se não se mescla com as coisas, como atua? Como move e como conhece? A autora sublinha as dúvidas patentes no processo exegético de Aristóteles, que encontra carências nas explicações do cosmólogo jônio, embora reconheça seu valor por estabelecer ligação entre as teorias dos antigos com o *voûç*, elemento importante da psicologia aristotélica, além de lançar luz sobre a causa final, o que faz dele uma exceção entre os predecessores.

No cap. 5, trata-se, primeiro, da apresentação da teoria anônima da alma-harmonia, que coloca uma particular dificuldade interpretativa: ela não manifesta os traços distintivos de

nenhuma das três categorias (“*kinetista*”, sensualista ou sutilista). Referida no *Fédon* de Platão (86b-c), a tese parece ter tido valor como tema comum nas discussões dialéticas, mais do que enquanto posição determinada de algum predecessor. Aristóteles extrai dela consequências absurdas, segundo dois entendimentos possíveis da alma, como proporção (*logos*) anterior ao corpo e como combinação (*synthesis*) de elementos: em um caso, todas as coisas, recebendo uma configuração, teriam alma; em outro, aponta-se a insuficiência do critério da configuração corpórea para explicar a distinção das faculdades psíquicas. Se a posição é dita “fácil de criticar” (*εὐεξέταστος*), sua introdução explica-se como antecipação da opinião de Empédocles, para quem a alma tem de um lado traços sensualistas, e, de outro, a de um composto de elementos. A autora mostra como tal teoria torna-se um “recurso hermêutico” para decodificar os versos do agrigentino, compreendendo-se que ali se faz do Amor princípio cognitivo e de coesão, e se considera o estado de amor como perfeita harmonia. O capítulo se completa com a análise da tese de Crítias da alma identificada ao sangue, discutindo-se os problemas no estabelecimento de sua relação com Empédocles, que vincula o sangue à percepção.

O sexto capítulo agrupa as teorias “*kinetistas*” em que aparece a conexão da alma, através de seu traço motor, com a divindade. Discute-se o testemunho acerca de Tales, que parece relevante a Aristóteles por postular a alma como condição de dizer que algo é vivo, embora, como se mostra, a própria distinção entre vivos e não-vivos se esfumace com a ideia de uma

mescla anímica universal. Em Alcmeón de Crotona, destaca-se o argumento da automotricidade que vincula a alma à imortalidade, o que pode ter inspirado a demonstração do *Fedro* (245b7-c4). O capítulo seguinte trata das posições “sutelistas”: a identificação da alma ao ar por Diógenes de Apolônia, e a descrição por Heráclito de Éfeso da alma como espécie de “exalação” (ἀναθυμίασις), tema sobre o qual a autora oferece uma discussão detalhada. O oitavo e último capítulo aborda o testemunho

sobre Hipônio, personagem obscuro que identifica a alma ao úmido ou ao sêmem, e por fim a passagem sobre a doutrina anônima da alma como número automotor, que, julgada por Aristóteles “ininteligível”, recebe um tratamento por comparação e analogia com o paradigma atomista.

*Bruno Conte*

PUC-SP

bruno@brunoc.com.br